



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Redescobrimo a Literatura de Cordel: memória, informação, tecnologia e arte na contemporaneidade¹

Verônica Dantas MENESES
Maria Eduarda Campos de Sá FERRAZ
Universidade Federal do Tocantins

Resumo

O artigo analisa a literatura de cordel, como forma de comunicação e expressão, com o objetivo de observar como a arte popular tem sido ressignificada por meio da tecnologia e reelaborada por meio de traduções intersemióticas e ainda conhecer pessoas que produzem os “folhetos”. A partir de pesquisas documentais e de cunho etnográfico, foi possível entender como o cordel tem se reinventado com as novas tecnologias, que, ao contrário do que se poderia imaginar, têm se mostrado aliadas na sua reinvenção e na conquista de novos adeptos, saindo de seu tradicional formato para inspirar outras formas de comunicação, tais como na música, no cinema e na internet, mas mostra como expressão artística de resistência, herança cultural e memória.

Palavras-chave: Tradução Intersemiótica. Folkcomunicação. Identidade. Cultura Popular. Cordel.

Introdução

Em tempos de globalização, falar sobre uma literatura feita em papel e vendida em cordões nas feiras parece tão longínquo quanto à própria história do Brasil, e é, de fato, porque a Literatura de Cordel, ou apenas Cordel, assim como o cotidiano e a história, por força de seu pertencimento como identidade nordestina, e brasileira, tem sido reinventado apesar, e mesmo devido, ao surgimento da nova sociedade da informação.

Neste trabalho trazemos as experiências com a produção de um livro-reportagem sobre o Cordel que continua pulsante e vivo a cada tempo. Assim, buscamos apresentar algumas vivências e lembranças de pessoas que vivem e sobrevivem do cordel, aspectos das suas ressignificações e traduções intersemióticas atuais, ao serem apropriadas por

¹ Trabalho apresentado no **GT 2: Expressões da Folkcomunicação na cultura popular.**



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

outras artes, e ainda discutir o papel das tecnologias no momento atual desta literatura e sua importância como forma de expressão e comunicação.

Benjamim (2000) cita alguns estudos seminais sobre a literatura de cordel nesta linha teórica. Como exemplo, os trabalhos de Joseph Luyten, “A literatura de cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade”, de 1980²; de Luiz Beltrão, “Folhetos populares: intermediários no processo da comunicação”³, de 1970, e em texto de 1982, artigo “Almanaque de cordel: veículo de informação e educação do povo”⁴ - neste analisou sob o viés da Folkcomunicação “almanaques editados por poetas populares vinculados à literatura de cordel, os quais divulgam, em prosa, o calendário, horóscopos, previsões de tempo e de condições favoráveis à prática das diversas culturas agrícolas do Nordeste do Brasil” (BENJAMIN, 2000, p. 12).

Neste sentido, realizamos uma imersão etnográfica por meio de entrevistas semiestruturadas (presenciais e por meio do auxílio virtual), de forma que tentamos estabelecer o máximo de diálogo e interação possível (MEDINA, 2000) com pessoas ligadas à literatura de cordel e também a partir da análise descritiva e documental de expressões da literatura de cordel evidenciada em diversas artes, como teatro, cinema e música, e meios, como internet e televisão.

Foram nove os entrevistados: Em Pernambuco, as fontes foram o cordelista e xilógrafo J. Borges e seu filho, o estudante e xilógrafo Bacáro Borges. Em Sergipe, os cordelistas e fundadores da Academia Sergipana de Cordel (ACS), Pedro Amaro e Ana Nascimento, além do jornalista, cordelista e também membro da ACS, Thiago Barbosa. No Tocantins, conversamos com o xilógrafo Carlos Henrique, o cordelista Bira Dantas, natural do Rio Grande do Norte, e com o jornalista José Filho, natural do Piauí. Por fim, também tivemos contato com a professora pesquisadora Karina Janz Woitovicz, do Paraná.

Por se tratar não somente de rimas com causos de humor, mas de um meio de expressão e fala de um povo, de um meio informativo e poético que destaca profundamente a cultura do Nordeste, e também do Brasil, o cordel se mostra de larga

² LUYTEN, J. M.. **A literatura de cordel em São Paulo**: saudosismo e agressividade. São Paulo: USP, 1980. 250 p. [dissertação ao Curso de Mestrado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes]

³ Beltrão, L. **Folhetos populares**: intermediários no processo da comunicação (Revista Comunicações Culturais. Universidade de São Paulo 1: 113-130. 1970)

⁴ Beltrão, L. **Almanaque de cordel**: veículo de informação e educação do povo (Revista Comunicarte: a. I, n. 138. Dez. 1982. p. 81-96. Campinas: PUCAMP/IAC).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

relevância para discussão e permanente revisitação. Mas, para além disto, agrega-se o fato de também estar se transmutando em outros formatos e mesmo saindo do meio popular, se transformando em diferentes produtos midiáticos. Outro ponto importante é que o cordel não foi suplantado pela tecnologia, na realidade foi aperfeiçoado, de modo que os processos de mundialização da cultura lhe proporcionaram muito mais a adição que a subtração de elementos.

Contextualizando o Cordel

Algumas fontes indicam que a literatura de cordel aparece pela primeira vez com a presença dos povos árabes na Europa, nos tempos medievais, na atual Península Ibérica. De sua origem no país do fado como “volantes”, e no país das touradas como “pliegos sueltos”, os cordéis tratavam das histórias encantadas e maravilhosas aos acontecimentos mais banais. Os cordelistas e cantadores colocavam as suas histórias expostas para venda pelos caminhos, ruas e bancas de feiras, que iam presas em cordas. Esta era uma forma simples e certa de conquistar a atenção dos transeuntes (NOBRE, 2013).

A arte secular chega às terras tupiniquins via Salvador no período em que o país no século XVI, se espalhando pelo resto da região Nordeste. Contudo, não ficou restrito ali, como exemplifica Breguez (2005), sobre a presença expressiva do Cordel no norte e nordeste de Minas Gerais a partir da migração:

as áridas condições do clima e da vegetação, além da pobreza generalizada, reproduziram os tipos humanos que se traduzem em expressões artísticas e se utilizam do cordel como forma de comunicar e manifestar ao mundo suas diversas formas de pensar, sentir e agir.

A época da chegada das publicações no Brasil foi um período, como sabemos, de início da miscigenação na cultura brasileira. Uma das novas roupagens que os folhetos ganharam foi a incorporação de cantos nativos, entre outros (ABLC, 2013).

Mas há quem não concorde com esta versão da história. Abreu (2011) defende que os folhetos produzidos em Portugal eram diferentes dos nordestinos e propõe que um não surgiu a partir do outro, sendo a literatura produzida por lá Literatura de Cordel e a produzida no Nordeste brasileiro Literatura de Folhetos.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

De qualquer modo, o Cordel e a cultura nordestina tiveram grande contribuição na difusão de conhecimentos, de textos antigos da literatura mundial, cujas histórias e personagens se tornaram fonte para obras de grandes autores e artistas populares que se inspiram nesta cultura nordestina, como Ariano Suassuna, e o personagem João Grilo, do conto Proezas de João Grilo, de João Martins de Athaide, ou Antônio Nóbrega, e sua personagem Tonheta (BARRETO, 2005, p. 168).

O cordel tem sido um leito especial, onde sobrevivem repertórios orais. O papel do cordel, a partir da segunda metade do século XIX, equivale no Brasil, em certa medida, ao da imprensa de Gutemberg, na Europa, fazendo recircular textos colhidos na tradição oral (BARRETO, 2005, p. 168).

Benjamim relatou o cenário da produção dos cordéis até os anos 1990, podemos dizer:

Os folhetos da literatura de cordel têm sido quase sempre impressos em gráficas artesanais, de propriedade de poetas populares (poetas-editores) que editam não só os seus próprios versos, como também folhetos de outros poetas, além de imprimir - sob encomenda - folhetos próprios e de terceiros (BENJAMIN, 2000, p. 65).

As condições técnicas das praticamente extintas gráficas ou folheteriais condicionaram, segundo o autor, o padrão gráfico dos folhetos, sejam nos formatos, nos tipos ou nas gravuras. Isto, na verdade, acabou criando o perfil dos livretos no Brasil, que inclui a marca quase indissociável da xilogravura.

A Literatura de Cordel Brasileira popularizou-se no país. Os tradicionais folhetos continuam a ser escritos e vendidos em feiras livres e museus, mas a tecnologia propiciou a esta literatura formas de se reinventar, continuando viva e pulsante, seja no tradicional formato impresso mais conhecido, ou adaptando-se às novas mídias. E na Internet eles podem ser divulgados e comercializados (HAURÉLIO, 2012, p.12).

Como relatou Barreto (2005, pp. 89-95), Folclore combina com comunicação, Folclore combina com turismo, Folclore combina com internet, “ampliando as linguagens da comunicação dos fatos folclóricos ou a troca imediata dos repertórios”, fazendo com que eles “retornem aos povos de origem”. Por fim, o Folclore combina com globalização, uma vez que

seus repertórios são historicamente globalizados, vigoram em várias ou mesmo em todas as partes do mundo, porque são as expressões mais legítimas



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

e espontâneas do ser humano, dos grupos sociais, superando línguas, raças, sistemas econômicos, regimes políticos, confissões religiosas e condicionamentos diversos, incluindo o analfabetismo (BARRETO, 2005, p. 95).

Por sua natureza rimada e bem humorada, muitas vezes o cordel é tido apenas como uma forma de transmissão de piadas e histórias engraçadas aos leitores. Mas, para além de tal função, desde seu início, e pela facilidade de encontrá-lo nos espaços públicos, é ferramenta de transporte de informação noticiosa, em grande parte, para uma parcela da sociedade que não teve ou tem acesso às informações e mesmo como forma de circulação de memória de aspectos cotidianos, culturais e característicos de um grupo ou região (FERRAZ, 2018).

Neste sentido, os cordéis ainda servem como meio de expressão para dar voz e espaço ao povo. Mas tem se transformado em uma linguagem e produto artístico e cultural multifacetado. O que antes era de circulação mais popular, atualmente ganhou outros círculos de produção e consumo. Vários elementos estão sendo ressignificados e traduzidos em processos de hibridações entre as diversas artes contemporâneas. Processos, produtos e pessoas do mundo do cordel foram se reelaborando, se reinventando e, atualmente, é possível encontrar os folhetos e referências a eles nas mais variadas formas e motivações.

As pessoas do Cordel: herança familiar e conquista de espaços oficiais para a arte

Muito além da métrica, da rima e da palavra escrita, existem pessoas, imagens, cheiros e um punhado de memórias para serem guardadas e, quem sabe, divididas. Muitas destas pessoas transmitem a arte para seus filhos, simpatizantes e em projetos sócio-educacionais.

Com esta meta, chegamos aos pernambucanos, radicados em Sergipe, Pedro Amaro e Ana Santana, que compartilham o amor pela poesia há mais de 50 anos. Ele, desde jovem começou a se interessar pela arte: cantava repente e escrevia. Ela, desenvolveu cedo o amor pelas rimas, pois seu pai comprava os livretos, e, mais tardiamente, desenvolveu o gosto para escrever suas próprias histórias por incentivo das filhas. “Um dia ela me aperreou tanto que eu disse assim, eu vou fazer! Eu acho que eu sei. Aí fiz sobre Nossa Senhora” (Entrevista Ana Santana em agosto de 2017). Juntos fundaram o Espaço Cultural Pedro Amaro, que abrigava em 2017, ano de sua criação,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

também a Academia Sergipana de Cordel, na capital do estado, Aracaju, que tem como presidente a filha do casal, Isabel Nascimento.

A formação do Espaço foi um projeto familiar. Em 2013 fizeram, junto com as filhas Isabel e Juliana Nascimento (*in memoriam*), uma viagem ao Rio de Janeiro, onde conheceram a Academia Brasileira de Cordel. Juliana se empolgou em transformar a garagem da casa em um espaço voltado só para esta arte, organizando melhor, inclusive, o acervo de mais de cem cordéis produzido por Pedro Amaro, popular repentista e cordelista.

Figura 1. Ana Santana e Pedro Amaro.



Foto: Verônica Dantas.

Outros cordelistas de Sergipe começaram a frequentar a Casa do Cordel, lugar que também abrigou visitas de escolas, eventos como sarais, oficinas, encontros de cordelistas e de repentistas. Logo a garagem ficou pequena e os eventos começaram a ser feitos na rua. Foi assim da fundação até 2016, quando o casal perdeu a filha mais nova, só retomando as atividades em 28 de junho de 2017, quando Seu Pedro completou seus oitenta anos.

Outro fato curioso na história da família é existir duas mulheres cordelistas, pois nomes femininos não estão em muitas listas de cordelistas brasileiros. Na Academia Brasileira de Cordel, por exemplo, das 40 cadeiras ocupadas, apenas quatro são preenchidas por mulheres⁵. Na Academia Sergipana de Cordel, no entanto, as mulheres estão aos poucos protagonizando este espaço: sentadas com a presidência e a vice-

⁵ Disponível em: <http://www.ablc.com.br/a-ablc/cadeiras/>. Acesso em: 16/04/2018.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

presidência estão Isabel Nascimento e Maria Salete da Costa Nascimento, respectivamente, e, das 37 cadeiras 11 são ocupadas por mulheres, e seis tem mulheres como patronesses (Josefa Maria dos Anjos, Benta Cordeiro de Almeida, Sá Martinha do Sabão, Maria das Neves Batista Pimentel, Gizelda Santana Moraes, Clemilda Ferreira da Silva)⁶.

Em entrevista⁷ concedida a rede de TV Atalaia, Maria Salete contou que seu primeiro contato com esta literatura se deu pelo pai, que comprava os folhetos e, aos sábados, convidava as pessoas da comunidade para uma leitura. Contudo, na hora que Salete começou a querer produzir os seus o pai dizia que era coisa para homens. O processo foi diferente com Isabel. “Isabel nasceu, em 1979, no Dia do Folclore, predestinada à poesia. Então, ela começou a escrever com 11 anos. Ela fazia versinhos, quadrinhos, tem tudo guardado” (Entrevista Ana Santana em agosto de 2017).

Quando o assunto é métrica, a conversa ganha um tom ainda mais sério. Seu Pedro é irredutível quanto às regras do cordel. Segundo ele, é preciso ter cuidado para não desvalorizar a arte.

As pessoas curiosas, que se destinam a fazer um cordel, a gente agradece o valor, a intenção, mas nem todo mundo é certo de primeira vez. É bom que consulte uma pessoa que tem mais experiência, que é pra valorizar a arte, porque qualquer cordel que não ficar dentro dos padrões que merece a literatura de cordel, o mundo vai criticar (Entrevista Pedro Amaro em agosto de 2017).

Mas o poeta diz que o trabalho deve ser feito para agradar ao povo, e que jamais viu um cordelista igual a outro, pois “o valor da poesia está na maneira de se expressar, na dignidade da pessoa que escreve” e para isso “não é obrigado ter faculdade não, porque tem pessoas que tem faculdade e não faz um livro de cordel (Entrevista Pedro Amaro em agosto de 2017).

Já no Tocantins, Severino José Dantas, Seu Bira, 72 anos, natural de Carnaúba dos Dantas no Rio Grande do Norte, considera-se um cordelista moderno. Apesar de acreditar que o cordel nato deve respeitar toda uma métrica específica em seus versos e estrofes, ele também defende a criatividade, pois para ele pensar como um cordelista exige muita concentração para a escolha das palavras que farão a rima perfeita.

⁶ Dispon;vel em: <http://cultura.se.gov.br/index.php/2017/07/20/academia-de-cordel-e-instalada-em-sergipe/>. Acesso em: 16/04/2018.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nfswbE9pf8A>. Acesso em 19 de julho de 2017



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Seu Bira migrou para o Tocantins quando o estado ainda era Goiás. Em Araguaína começou como marcador de quadrilhas juninas. Saiu... viajou... morou de novo no Nordeste... até retornar de vez para o Tocantins, onde se apaixonou pelas quadrilhas da capital, Palmas, e resolveu fazer do lugar a sua nova casa. Esse seu envolvimento com as quadrilhas está diretamente ligado à sua paixão pelo cordel. Foi neste momento que começou a escrever suas primeiras histórias. O trabalho de Seu Bira foi reconhecido em 2011, quando foi homenageado no *Arraiá da Capital*, que congrega as festas juninas na cidade de Palmas, por uma quadrilha local, que apresentou como tema “Bira Dantas: 40 anos de andanças”.

O eterno quadrilheiro produziu mais de 60 cordéis que envolvem o campus de Palmas, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), onde é aluno da Universidade da Maturidade (UMA), um projeto que trabalha para a melhoria da qualidade de vida na terceira idade. Fora isso, o que lhe inspira a escrever é o mundo ao seu redor:

Olha, eu tenho um poema que fala de Palmas, certo? Porque eu tando (sic) aqui, parece que eu tô na minha cidade lá no Rio Grande do Norte. Essas serras, o canto do Passo Preto [...] Gente, isso me leva de volta pro Nordeste (Entrevista ... Bira Dantas, 2017).

A história de Bira Dantas mostra um lado do cordel que se fez marca na produção atual; dentro ou fora do Nordeste as histórias e pessoas da região seguem sendo inspiração para os produtores dos folhetos⁸.

As traduções e reelaborações do Cordel na atualidade

As gravuras

Podemos dizer que a Xilogravura é a marca registrada do Cordel, pois forma uma parceria indissociável com os livretos e com os versos, sendo peça fundamental na arte, embora os primeiros cordéis não tivessem de fato a xilogravura como ilustrações das capas, tendo sido introduzida quando os folhetos passaram a ser impressos nas pequenas gráficas geralmente de propriedade dos próprios autores, dando origem à “xilogravura popular nordestina” (BENJAMIM, 2000).

⁸ Uma semana depois de conhecer uma das autoras Seu Bira trouxe, em uma folha de papel, entrega versos que fez sobre ela. E assim como a hora em que disse que “todo nordestino tem o cordel no sangue, basta a inspiração chegar”, a emoção atingiu aquela que o ouvia (c. f.: FERRAZ, 2018).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Entretanto, mais do que ser a responsável pelas imagens dos folhetos espalhados por aí, esta arte está presente na sociedade há mais de um milênio (COSTELLA, 2003) e hoje em dia também se faz presente em outros tipos de materiais, seja de forma a ilustrar artefatos ou decorar espaços.

Até ser descoberta por pesquisadores e críticos de arte, a xilogravura foi produzida pelo povo apenas para ilustração (substitutiva de processos tecnológicos não-disponíveis, a zincogravura, por exemplo, através da qual se produziam clichês) de capas de folhetos de cordel, orações e benditos e em rótulos de produtos populares, além de letras de titulação e ilustração dos pequenos jornais (BENJAMIM, 2000, p. 66).

Costella relata que os chineses utilizaram a técnica para a fabricação de cartas de baralho, de papel-moeda e também de orações budistas. Outros povos que iniciaram a utilização da xilogravura foram os japoneses, com as suas estampas de talismãs, além dos indianos, em seus tecidos. A Europa, contudo, só conheceu o trabalho xilográfico, provavelmente, por volta do século sexto. Mesmo assim, a sua utilização no papel só começou mais tarde, entre os séculos quatorze e quinze. No Brasil, ainda de acordo com Costella, acredita-se que os povos indígenas já faziam uso da xilogravura. Os desenhos eram aplicados nas pinturas de pele e também, mas não tão comumente, para decorar artigos de vestir.

Com a chegada dos portugueses ao território, as oficinas tipográficas foram proibidas e os xilógrafos só voltaram a ter espaço com a abertura da Imprensa Régia, do Colégio das Fábricas e do Arquivo Militar, cuja renda era da coroa lusitana. Cabe registrar, é claro, que a atividade continuou sendo realizada de forma clandestina.

O xilógrafo pernambucano J. Borges, nascido José Francisco Borges, de 81 anos, é também cordelista. Natural de Bezerros, no Agreste de Pernambuco, ele se descreve como um “filho da roça”. O artista estudou, formalmente, apenas durante dez meses e seu começo nas artes foi no mundo do cordel.

A primeira história, de mais de 300 cordéis, publicada por ele, no ano de 1964, foi *O encontro de dois vaqueiros no Sertão de Petrolina*. O trabalho foi xilogravado por Mestre Dila⁹, cordelista e xilógrafo pernambucano, e vendeu cinco mil cópias em apenas dois meses de publicação. A xilogravura apareceu na vida de Borges pela

⁹ “Exímio xilógrafo e inventor, desenvolveu a impressão popular a cores, com várias alternativas (folkoff-set), produziu folhetos ilustrados e álbuns populares e re-inventou o tipo-fixo” (BENJAMIM, 2000, p. 66).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

necessidade que sentiu de ilustrar suas histórias. “Tentei fazer uma gravura e consegui. Deu certo e continuei até hoje” (J. Borges. Entrevista as autoras em setembro de 2017).

Entretanto, o xilógrafo perdeu a conta do número de gravuras que já produziu. Desde 2006, ele é considerado Patrimônio Vivo de Pernambuco. Foi neste mesmo ano que abriu o Memorial J. Borges, sua própria galeria, onde ainda trabalha, acompanhado de seu filho, também xilógrafo, Bacáro Borges, e onde também mantém memórias de viagens a países como França, Estados Unidos, Espanha, Alemanha, Venezuela e Suíça, ou da amizade com o mestre Ariano Suassuna.

Desde três anos de idade, Bacáro já acompanhava seu pai e seus irmãos mais velhos trabalhando com a xilogravura. Aos 17 anos (em 2017), cria seus próprios moldes, a fauna, a flora e o povo nordestino, se destoando de uma geração que já nasceu com o computador na mão.

a arte é essencial na vida de qualquer ser humano, se tenho esse dom, devo usufruir dele ao invés de me prender a uma tecnologia que amanhã já tem outra melhor. A xilogravura não. Além de empregarmos a ela um sentimento, ficará guardada para sempre (Bacáro Broges. Entrevista as autoras em setembro de 2017).

No Tocantins outro jovem xilógrafo, Carlos Henrique Pereira da Silva, de 29 anos, skatista e profissional em serralheria e molduraria, natural de Araguaína, como gostava de compor rap, acabou desenvolvendo também a vontade de produzir histórias em cordéis, o que o levou a produzir gravuras, em 2015.

Atualmente, como escritor, dedica-se a fazer a chamada “Literatura marginal”, nome dado aos trabalhos feitos nas periferias das cidades, mas continua criando suas matrizes. O artista inova ainda nas temáticas de suas gravuras, retratando temas históricos, especialmente de cunho político, e cujas gravuras receberam influências de movimentos artísticos, como o Expressionismo alemão, movimento que trouxe para a arte a representação dos sonhos e angústias humanos, um retrato de uma Europa pós-guerra, que foi o período do seu surgimento. “Gosto de lembrar as pessoas dos fatos passados e incomodá-las” (Carlos Henrique. Entrevista as autoras em setembro de 2017).

Cordel e Informação



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

J. Borges afirmou que o Cordel sempre foi jornalismo, pois sempre informou, divertiu e ensinou o povo. Apesar de muitos dos livretos produzidos trazerem temáticas que se enquadram no estilo humorístico, e contam histórias fictícias ou que se alojaram no imaginário popular, como os populares Pedro Malasartes, de origem mais remota, e Seu Lunga, poeta popular cearense. Ainda assim, acima de tudo, “tais personagens mostram também em suas aventuras, nos contos ou no cordel, o modo especial de ajeitar as coisas, superando dificuldades, decifrando enigmas, dando soluções aos problemas e tirando com humor as maiores vantagens da realidade” (BARRETO, 2005, p. 169).

Mesmo consideradas por muito banais, muitas destas histórias retratam determinadas realidades e o contexto político e social nacional. Assim, muita gente soube de grandes acontecimentos históricos através da Literatura de Folhetos, especialmente com a parceria dos repentistas que também traduziam para uma linguagem mais próxima do grupo os acontecimentos sociais.

Karina Janz afirma,

Há exemplos de cordéis que trataram de catástrofes ambientais, problemas sociais, chacinas, bem como a morte de figuras emblemáticas, sempre seguindo o fluxo dos acontecimentos. Desse modo, pela temática atual, pelo processo ágil de difusão, pela relação com a formação da opinião pública, entre outros aspectos, é possível relacionar esta produção cultural a um tipo de manifestação (não-oficial e não profissional) do jornalismo (Entrevista às autoras em outubro de 2017).

Thiago Barbosa Santos levou esta vocação noticiosa do Cordel ao pé da letra. O jornalista paulistano, de 32 anos, que há 20 anos reside em Aracaju, faz uso da literatura de cordel para levar a notícia ao seu público.

Naturalmente descobri a literatura de cordel e me apaixonei por ela, pelos grandes poetas, como Leandro Gomes de Barros, João Firmino Cabral, Marco Haurelio. Comecei lendo e depois me descobri fazendo (Thiago Barbosa. Entrevista as autoras em mês de 2017).

Como repórter e coordenador do Núcleo de Jornalismo Esportivo da TV Sergipe, Thiago descobriu a literatura de cordel como expressão informativa, mesmo sabendo dos desafios de explorar linguagens distintas e traduzi-las para outra diferente. Neste ponto, acabou criando sua própria maneira de contar histórias: o cordel serviu de instrumento para explorar novos caminhos, o que, segundo ele, agradou o público, pois houve bastante repercussão. O jornalista fez um guia em cordel, por exemplo, na Copa



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

de 2010, e criou, no Globo Esporte, um quadro chamado Cordel da Bola. Thiago foi um dos nomeados em 2017 como membro da Academia Sergipana de Cordel.

Transmutações do cordel

Qualquer busca realizada com o termo “cordel” em *sites* de pesquisa pode encontrar milhares de resultados. Isso compreende *sites* e *blogs* que discorrem sobre a temática e espaços que também divulgam os versos, além de vídeos e canais na rede social *Youtube*¹⁰, possibilitando enxergar que a produção de cordéis não está estagnada nem condenada ao desaparecimento, muito pelo contrário. Cordelistas e escritores de todas as partes, sejam aqueles que produzem apenas *on line* ou ainda os que transcrevem seus folhetos impressos para o meio digital, têm a opção de divulgar o seu trabalho com poucos gastos.

A internet também aproxima os entusiastas da arte. A Academia Brasileira de Literatura de Cordel hospeda um site em que o leitor pode encontrar notícias, imagens, vídeos, além de produtos à venda como livros, coletâneas e camisetas. A Fundação Casa de Rui Barbosa¹¹ também mantém um acervo *on line* com mais de 9000 folhetos, especialmente dos poetas mais clássicos, conhecidos como de primeira e de segunda geração.

Foi por meio da internet, primeiramente com uma página de nome *Nação Nordestina*, na rede social *Facebook*, que o cordelista cearense Bráulio Bessa ganhou notoriedade, o que lhe motivou a gravar vídeos de seus cordéis. O trabalho do poeta chamou a atenção da televisão e, atualmente, integra um quadro no programa de variedades *Encontro com Fátima Bernardes*, da Rede Globo, desde 2016.

Além da internet, por meio da música, do audiovisual e do teatro o cordel tem se atualizado e chegado a públicos distintos. Na televisão, que já desenvolve a tradução intersemiótica da literatura, por exemplo, inspirações do cordel podem ser vistas em telenovelas e minisséries brasileiras. Relata Trigueiro (2011) ao analisar a telenovela *Cordel Encantado*¹²:

¹⁰ A rede social Youtube possibilitou o surgimento de uma nova profissão, o *youtuber*, pela qual os geradores de conteúdo produzem vídeos e os difunde na rede, sobre qualquer assunto, para o público, que pode se inscrever e acompanhar os trabalhos em um canal *online*. É como se fosse um programa no qual o apresentador gera assuntos na frequência que preferir.

¹¹ C.f. <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>.

¹² Telenovela produzida pela Rede Globo e exibida pela emissora em 2011.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O sucesso da ficção seriada televisiva, sem dúvida, está na origem das narrativas populares e essas hibridizações entre narrativas populares tradicionais e as narrativas midiáticas são quase sempre sucesso de audiência por que ambas são fascinantes, estão impregnadas no imaginário do povo brasileiro, uma através da tradição oral e a outra pelas novas tecnologias da comunicação.

Antes disso, o cordel já inspirava a música. Sucesso da Música Popular Brasileira, a canção Pavão Mysteriozo¹³, de Ednardo, é inspirada em uma das mais famosas histórias de cordel: *O Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Rezende. Na atualidade, a banda *El Efecto*, do Rio de Janeiro, também se inspirou tanto no cordel quanto na principal temática atrelada aos folhetos. Em *O encontro de Lampião com Eike Batista*, faixa do terceiro álbum da banda, Pedras e Sonhos, lançado em 2013, os músicos contam, em linguagem inspirada na literatura de cordel, a história de um encontro fictício entre o cangaceiro pernambucano e o empresário mineiro.

Música e teatro também compõem as traduções que Antônio Nóbrega, pernambucano radicado em São Paulo, desenvolve a partir de criações do folclore brasileiro, da literatura de cordel, do circo mambembe, das folias carnavalescas e de outras histórias populares¹⁴. Também no teatro, Edmilson Santini, cordelista, autor de folhetos como *Paulo Freire lendo o mundo em cordel* e *Oswaldo Cruz, entre a febre e o mosquito*, desenvolveu o que chamou de “Teatro em Cordel”, “tendo como pano de fundo a Educação, utilizando-se de um meio de expressão ao vivo, de ação e reação: o teatro”¹⁵. Pernambucano, vivendo há muitos anos no sudeste do Brasil, além dos espetáculos, desenvolve oficinas de encenação, contação e recriação de histórias em cordel.

Já o paraibano Ariano Suassuna, morto em 2014, deixou uma herança que até os dias de hoje são traduzidos por outros artistas. Suassuna, junto de outros parceiros, foi o fundador do Movimento Armorial, que agregou à arte erudita elementos da cultura popular, entre estes a linguagem do cordel, proporcionando grande visibilidade a esta

¹³ Lançado em 1974, pelo selo RCA Victor, o álbum “O romance do Pavão Mysteriozo”, de Ednardo, foi seu primeiro trabalho solo.

¹⁴ COELHO, M. A.; FALCÃO, A. *Antônio Nóbrega: um artista multidisciplinar*. Estudos Avançados, v. 09, n. 23, 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000100005. Acesso em março de 2018.

¹⁵ Disponível em: <http://www.teatroemcordel.com.br/teatro/index.php>. Acesso em 26 de outubro de 2017



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

segunda, colocando-a em foco no Brasil e no mundo. A produção se estendia ao teatro, literatura, música, dança e cinema.

A peça *O Auto da Compadecida*, por exemplo, ganhou adaptação cinematográfica, em 2000, dirigida por Guel Arraes, e também televisiva, em forma de minissérie brasileira. Os personagens ficaram tão conhecidos que ficaram definitivamente marcados no imaginário brasileiro. O enredo acompanha as aventuras de dois sertanejos com talento para arrumar encrenca: Chicó, a personificação do famoso “mente que nem sente”, e João Grilo, esperto nato. É possível visualizar na obra diversos elementos comuns em folhetos de cordel como o humor, “o modo especial de ajeitar as coisas”, as histórias de amor, o cangaço e a religiosidade. Elementos presentes também no filme *A Luneta do Tempo*, de Alceu Valença.

Ao longo de 15 anos, Valença, músico e compositor pernambucano, de São Bento do Una, se dedicou ao filme, que fez sua estreia em 2014 no Festival de Cinema de Gramado, e em 2016 no circuito comercial. A base do enredo também é a história de Lampião e Maria Bonita, acrescidos de personagens fictícios “que viverão amores e aventuras num universo circense ao lado dessas lendas folclóricas, ao som de cordel também escrito por Alceu Valença”¹⁶.

Considerações Finais

Com este trabalho buscamos relatar informações contemporâneas sobre o cordel, que enfocasse a diversidade de usos e expressões atuais, bem como o aprofundamento no lado mais prático e mais humano, ou seja, das pessoas que fazem cordel e de suas experiências, de suas imbricações, a fim de dar o devido destaque para a arte do cordel como expressão artística notória e como expressão da cultura popular.

Pelo exposto, mostramos que a produção da Literatura de Folhetos ou de Cordel não está estagnada, mas distribuída tanto em formato impresso, quanto digital, tanto em palavras quanto em vídeos e músicas dissipados pela internet, cinema e televisão, tanto na cultura ainda viva dos cantadores repentistas e trovadores em muitas cidades do Nordeste, quanto nos espaços de cultura alternativa de grandes centros urbanos e nos espaços midiáticos e apropriados por atores da cultura dominante. O Cordel, neste

¹⁶ Disponível em: <http://alceuvalenca.com.br/obra/a-luneta-do-tempo/>. Acesso em 27 de setembro de 2017.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

sentido, continua sendo, a nosso ver, acima de tudo, uma forma de resistência, herança cultural e memória.

Referências

ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. **Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro: Editora Rovellet, 2013.

BARRETO, Luiz Antônio. **Folclore: invenção e comunicação**. Aracaju: Typografia Editorial/Scorteccei Editora, 2005.

BENJAMIM, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.

BREGUEZ, Sebastião. *Metodologia da Folkcomunicação: Uma análise da literatura de cordel como produção de notícia na obra de Téo Azevedo*. Anais ... XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 05-09 de setembro, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1953-1.pdf>. Acesso em 4/04/2018.

COSTELLA, Antonio F. **Breve História Ilustrada da Xilogravura**. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

FERRAZ, Maria Eduarda. **Literatura de Cordel: Uma redescoberta**. Olinda: Nossa Livraria Editora, 2018.

HAURÉLIO, Marco. **Antologia do Cordel Brasileiro**. São Paulo: Global, 2012.

NOBRE, Francisco Silva. *Um dicionário de cordel*. In: SILVA, Gonçalo F. da (org.) **Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro: Rovellet, 2013.

TRIGUEIRO, Osvaldo. M. *Cordel Encantado: uma ficção seriada folkcomunicacional*. Temática, Ano VII, n. 06 – Junho/2011.